



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

A RETOMADA DA ESCRITA PELO SUJEITO RR E AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM ABORDADAS PELA NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA

Nirvana Ferraz Santos Sampaio
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: nirvanafs@terra.com.br

Iva Ribeiro Cota
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: ivarcota@gmail.com

Tamiles Paiva Novaes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: novaes.tamilespaiva@gmail.com

INTRODUÇÃO

Neste resumo, apresentamos dados de reconstrução da escrita de um sujeito afásico. Para tanto, recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva. A justificativa da escolha dessa perspectiva se dá porque a prática (clínica) com a linguagem nesse âmbito não separa língua(gem), cultura e sociedade, e compreende o sujeito como parte do corpo social (SAMPAIO, 2006). Dessa forma, a interlocução é compreendida como lugar de produção de linguagem (COUDRY e FREIRE, 2010) e, portanto, de mediação no sentido vygotskyano. Compreende-se, também, a visão abordada por Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997) sobre aquisição da escrita, “uma concepção sócio-histórica de linguagem, que é aqui vista como lugar de interação humana de interlocução” (ABAURRE, FIAD E MAYRINK-SABINSON, 1997, p. 82).

O trabalho desenvolvido por Sampaio e Novaes (2018) demonstra a importância da interação para a construção da escrita. O estudo apresenta uma sessão de acompanhamento em grupo com uma atividade proposta pelas investigadoras. Nessa atividade, o grupo deveria assistir a um vídeo do episódio dos “Trapalhões” e responder a perguntas com algumas observações do cenário, dos atores e das falas. O vídeo (retirado do YouTube) e o quiz de perguntas (feito em slides) foram reproduzidos no data show. RR, o sujeito de acompanhamento, respondeu às alternativas: apontando com o dedo indicador a alternativa que considerava certa, fazia sinais de dúvida para a investigadora e, por vezes, sinais de troca de alternativa. Na atividade, foi possível



observar todos os acertos de RR e esses foram muitos.

Para Novaes (2016) e Sampaio e Novaes (2018), no processo de escrita, foi possível verificar que RR necessitava de intervenção da pesquisadora/investigadora enquanto interlocutora-colaboradora-mediadora para realizar a escrita como também para perceber e proceder a modificações em seus textos. Na abordagem enunciativo-discursiva, deve-se reconhecer que a escrita só é possível por um exercício de subjetividade, de dialogismo e de trabalho linguístico.

METODOLOGIA

O trabalho desenvolvido com o sujeito RR foi estruturado com atividades significativas para a participação dele em diferentes práticas letradas. Sobre as expressões *atividades significativas e práticas letradas*, nos apoiamos nas pesquisas sobre letramento realizada por Kleiman (1995), Soares (1998) e Tfouni (2000). No trabalho realizado, entendemos por atividades significativas aquelas em que os afásicos escrevam porque existe uma razão para escrever.

Realizamos com RR 22 encontros individuais e 21 encontros em grupo. Os acompanhamentos foram, em sua maioria, realizados no Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos (ECOA), Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN), na Universidade Estadual da Bahia (UESB).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em 2012, RR foi diagnosticada com o primeiro Acidente Vascular Cerebral (AVC) hemorrágico, decorrente da hipertensão, e que teve como consequência a hemiparesia e afasia. Segundo o laudo médico, foi detectado um infarto em território da artéria cerebral média esquerda com atrofia do hemisfério esquerdo e com o comprometimento parcial da área de Wernick e da área de Broca. No mesmo ano, RR passou por diversas convulsões, voltou para o coma e permaneceu por seis meses em internamento domiciliar. Como sequela, há relato (da sua irmã, RS) de perda de interesse pelas atividades a ela relacionadas. Segundo RS, foi observada sequela cognitiva e linguística, RR verbalizava apenas as palavras “sim” e “não” e utilizava gestos para manter a comunicação. Em 2014, RR sofreu outro AVC e, com o quadro convulsivo que resultou em comprometimento nos lobos frontal e parietal esquerdos.



O sujeito RR utilizava os processos alternativos de significação para preencher as falhas da linguagem verbal, produzia, como já informado, poucas palavras, como “sim” e “não”, e apoiava-se na prosódia para estabelecer uma inter-relação de comunicação. Coudry (1996) propõe o conceito de processos alternativos de significação como uma “formulação teórico-metodológica que tem se mostrado produtiva quando a linguagem se apresenta, em várias de suas faces, modificada pela afasia”. Isso porque “Se a afasia afeta certas estruturas e usos da língua, por sua vez, o sujeito afásico busca outros modos/arranjos para significar/associar, ou seja, produz processos alternativos de significação” (COUDRY, 1996).

A seguir, apresentamos alguns resultados das práticas de linguagem com o sujeito RR e o papel do mediador na promoção da autonomia da escrita desse sujeito.

RR escrevia cada segmento (sílabas, letras e palavras) e necessitava da interlocução com as pesquisadoras para conseguir escrever. Frequentemente, ela não obtinha a palavra (ou mesmo a letra) desejada e era preciso oferecer o *prompting*; outras vezes, ela produzia um pequeno texto que, no entanto, apresentava uma forma que não era facilmente reconhecida por nós como leitoras e havia necessidade de retomada de todo o texto. Por isso, a transcrição de seus dados foi acompanhada de várias descrições de contexto, bem como da amostra de escrita a que a fala se referia.

Os dados de RR nos revelam uma dificuldade bem maior nas produções de textos do que nas atividades elaboração de lista e de escrita de nomes próprios. Acreditamos que isso tenha relação com o processo de letramento vivido por RR e com a extensão da lesão decorrente do AVC. Em sua experiência de letramento, ela sempre escreveu listas de compras para sua casa, lembretes nas casas em que trabalhava, além de recados para o seu filho, o que almejava retomar em seu cotidiano. Como ponto de partida, recorreremos à escrita do seu nome para se encontrar, de fato, no mundo e nas práticas sociais.

CONCLUSÕES

O que se destaca nesse processo é que a reconstrução da linguagem não se dá no isolamento e sim no encontro com o outro e com os recursos linguísticos. É no momento que RR interage com o investigador com o seu novo padrão de normalidade que suas intenções vão transparecendo e que as suas ideias são compartilhadas. Dessa



forma, a sua instabilidade transforma-se em estímulo para um processo de significação e reconstrução. Dessa maneira, o significado da palavra e o seu entendimento dependem necessariamente da relação que se estabelece entre os sujeitos. Esses aspectos devem ser destacados no estudo de caso após ocorrências neurológicas que tornam sujeitos afásicos, ou seja, o trabalho de reconstrução dos aspectos linguísticos apagados é um trabalho em conjunto que deve ser considerado no acompanhamento do sujeito afásico.

O desenvolvimento apresentado pelo sujeito RR durante os processos de produção escrita apontou para um ganho em termos de suas práticas de letramento. Atribuímos isso tanto à prática desenvolvida em função deste estudo, quanto à frequência dela aos encontros do ECOA. Tais ganhos também indicaram que as condições sociais em que os afásicos se inserem são primordiais em seus desempenhos como sujeitos de linguagem: acreditamos que as práticas de linguagem vivenciadas no ECOA e o fato de que os textos escritos tinham um objetivo legítimo (assinar o nome na perícia do INSS) foram grandes mobilizadores do processo.

Podemos verificar que a interlocução, como averiguamos, é constitutiva das práticas de linguagem. O que diferencia os sujeitos afásicos de outros falantes-escreventes é que, para eles, parece ser mais difícil manter a imagem formada sobre quem é seu interlocutor, na ausência desse. Isso nos leva a considerar que a presença física do outro seja essencial nesses casos.

PALAVRAS-CHAVE: Neurolinguística; Afasia; Linguagem.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; Raquel Salek Fiad, Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson - **Cenas de aquisição da escrita: O sujeito e o trabalho com o texto**. Campinas, SP: Associação de leituras do Brasil (ALB): Ed. Mercado de Letras, 1997. (Coleção leituras no Brasil).

COUDRY, M. I. H. **Diário de narciso**: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos. São Paulo: Martins. Fontes, 2001.

_____. O que é o dado em Neolinguística? In: CASTRO, M. F. P. de (org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**, 1996.

COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P. (2010). Pressupostos teórico-clínicos da Neurolinguística Discursiva. In: **Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem**. Coudry, M. I. H.; Freire, F. M. P.; Andrade, M. L. F.; Silva, M. A. (orgs). Campinas (SP): Mercado de Letras.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

KLEIMAN, A. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. (org). **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, pp. 173-203.

NOVAES, T.P. **Implicações e aspectos linguísticos na escrita de um sujeito afásico**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, 2016.

SAMPAIO, N.F.S. **Uma abordagem sociolingüística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala**. Originalmente apresentada como Tese de Doutorado. Campinas: Dep. de Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2006.

SAMPAIO, N.F.S. e NOVAES, T. P. Práticas de linguagem e a retomada da escrita pelo sujeito RR. Intersecções. **Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais**, v. 1, p. 86, 2018.

SANTANA, A. **Escrita e afasia: o lugar da linguagem escrita na afasiologia**. São Paulo, SP: Plexus, 2002.

SOARES, Magda. O que é letramento e alfabetização. In _____. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo, SP: Cortez. 2002.